



Dr. Bartô apresenta:



Baseado nas histórias originais
do Dr. João Paulo Becker Lotufo

Texto: Dr. João Paulo B. Lotufo
Revisão: Eliana Freddi Lotufo

Ilustração: Bia H. Sampaio
Diagramação: Jonas Sampaio

Eram 19h, final de um longo dia de consultório e Dr. Bartô já estava guardando seu estetoscópio na maleta de médico para voltar para casa, jantar e descansar, quando chegou sua secretária avisando:

- O Sr. Natal, amigo do senhor ligou e disse que gostaria muito de conversar.
- Natal, Natal, Natal... Que amigo é esse que eu não me lembro?
- Ah, desculpe, bem que ele falou que o senhor só lembraria se eu falasse que era o Noel.



Dr. Bartô fez logo uma cara de detetive que está prestes a resolver um caso misterioso. Ele conheceu apenas um Noel. Será que era ele???

Só uma maneira de descobrir! Foi logo pegando o telefone e ligando. E quando ouviu aquela voz reconheceu que era o seu velho amigo Noel que ele havia conhecido há muito tempo.

Querem saber quem era o Noel? Então vamos entrar na máquina do tempo e voltar trinta anos atrás, no primeiro emprego do Dr. Bartô, que foi na enfermaria da pediatria do Hospital Municipal do Jabaquara.

Certa vez, ficou internado nessa enfermaria um menininho de menos de um ano.



Ele tinha uma doença no pulmão que se chama bronquiolite, que é muito chata porque você fica com bastante falta de ar. Por isso o nosso amiguinho estava dormindo no hospital.

E quando a gente está doente, sentindo alguma dor ou com medo do escuro ou do bicho papão, quem a gente quer bem pertinho? O papai, a mamãe ou a vovó, não é mesmo? Mas já faziam cinco dias que ele estava lá sem receber nenhuma visita.



Dr. Bartô sabia que nenhum remédio funciona muito bem sem estar acompanhado de abraços, beijinhos e carinho da mamãe ou do papai.

Quando Noel finalmente apareceu, Dr. Bartô foi logo chegando com uma cara brava e as mãos na cintura como um açucareiro e falando:

- Puxa vida, seu filho está internado há vários dias e o senhor não vem visitá-lo?

É claro que o Dr. Bartô ainda era muito jovem e sem muito tato para lidar com as pessoas que estavam sofrendo muito em ver alguém que amavam doente. Aquele pai começou a encher os olhos de lágrimas e foi se explicando:

- Doutor, não fica bravo comigo, eu quero muito visitar o meu filhinho, mas não tenho dinheiro nem para pegar ônibus; por isso não apareci.

E as lágrimas começaram a escorrer dos olhos do pai como água de cachoeira, ou de torneira aberta.





Dr. Bartô, que só queria ajudar, ficou muito chateado com aquela situação e preocupado com aquele pai sem condições financeiras de visitar o filho. Meio sem graça foi pedindo desculpas e perguntando o nome dele. Ele disse baixinho junto com um soluço algo parecido com Natal, que foi confundido com Noel. Assim, para o Dr. Bartô, que era um pouco desligado, ele ficou sendo o NOEL.

Bom... Natal, Noel, Papai Noel, é meio confuso, mas quem sabe o Dr. Bartô seria o Papai Noel do Natal que virou Noel! Vamos ver o resto desta história pra descobrir ?



O que
gostamos de
receber no Natal?

PRESENTES!!!
E qual o melhor
presente que
o Noel poderia
desejar?

Além do filho
ficar curado, um
emprego, não acha?
Assim ele poderia visitar o
seu filhinho e ainda ajudar
toda a sua família.



E o coração do Dr. Bartô, que é maior do que o saco de presentes do Papai Noel, queria ajudar o Noel a encontrar um emprego, e assim começou uma série de situações.

Naquela época, não havia comércio na porta do Hospital, só uma vendedora de coxinhas, que por sinal o Dr. Bartô era o melhor freguês, pois ele é fã de salgadinhos.

E ele ficou pensando, o que faltava ali para quem vinha ao hospital? Teve uma idéia: uma banca de jornal seria ótimo! Era o caminho para ajudar o Noel.

Correu para a prefeitura para saber como montar uma banca de jornal, mas depois de ir à um guichê, que mandou a outro, e pediu para preencher uma pilha de papeis, e voltar depois, percebeu que era uma burocracia intransponível para um pediatra que tinha vontade de ajudar, mas não conhecia o caminho. Assim terminou o sonho de ser sócio do Noel na banca de jornal.

Dr. Bartô não desiste facilmente. Quando ele coloca uma ideia na cabeça ele vai atrás até conseguir. Então, enquanto pensava em outro emprego, resolveu levar o Noel para ajudar a consertar umas coisinhas quebradas na casa da sua sogra.

Não deu certo! A mesa da cozinha ficou torta, o armário não fechava mais a porta, e a gaveta emperrou.

Noel não era muito jeitoso com
marcenaria, e antes que acontecesse
um estrago maior ele encerrou sua
carreira de marceneiro.



Ainda preocupado com a situação, Dr. Bartô encontrou um emprego ideal para Noel: guarda noturno de um prédio de escritórios onde o Kiko, seu pai, era síndico.

Noel trabalhou alguns dias na maior empolgação: era prestativo e estava sempre pronto para colaborar com todos. Até que num sábado logo cedo ajudou alguns homens a fazerem a mudança



de um escritório do sétimo andar para uma perua no estacionamento do prédio. Ele, com sua ingenuidade e bondade, não percebeu que estavam assaltando o conjunto 74 e ajudou a fazer a “mudança”. Lá se foi mais um emprego do Noel, e sem contar que o Kiko ficou numa situação bem complicada.

É, emprego estava difícil, e para piorar a situação, Noel e sua família estavam sem ter aonde morar.

Foi então que acendeu aquela luzinha de ideia brilhante na cabeça do Dr. Bartô: se ele não conseguia trabalhar fora, ele poderia trabalhar construindo sua própria casinha em um terreno que ele já tinha.



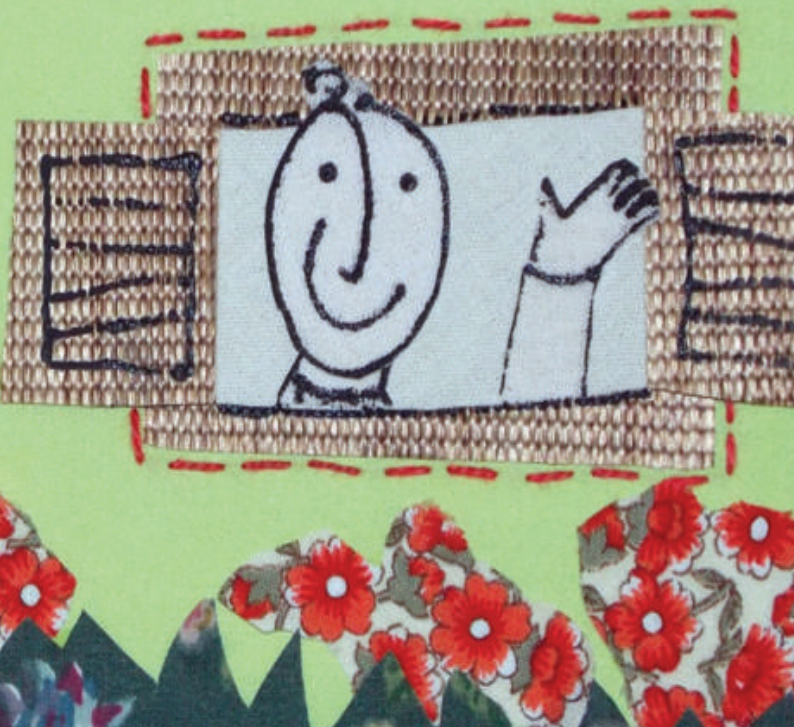
E foi o que aconteceu. Com o material doado, após alguns meses, os tijolos, areia, cimento, portas e janelas viraram uma casa, e, como já disse o poeta um dia, “era uma casa muito engraçada, não tinha porta, não tinha nada”.

Mas mesmo com suas portas e paredes um pouco tortas, ela estava lá, firme e quentinha, pois fora construída com muito amor e esmero, e se tornara o lar do Noel e da sua linda família. Com certeza eles tinham recebido o melhor presente de Natal que um papai Noel poderia dar.



Depois a vida foi tomando o seu rumo, tudo foi se acertando e o Dr. Bartô acabou perdendo contato com o Noel e a sua família, até fazer essa ligação.

Vocês já perceberam que tem amigos que, mesmo que a gente fique muito tempo sem ver e conversar, quando nos encontramos, a amizade e o carinho continuam iguais?





Foi o que o Dr. Bartô sentiu, alegria de reencontrar o seu amigo, vontade de saber de tudo, de fazer um monte de perguntas.

- E aí, como está seu filhinho? Nunca mais teve bronquiolite? Como está sua família? Moram naquela mesma casa? Você está trabalhando?

Noel, com calma foi respondendo:

- O meu filhinho já é um homem de 31 anos. Já é papai, e moramos todos naquela mesma casa, claro que com algumas reformas e melhorias para receber tantos netos. A única notícia triste é que um dos meus netos está internado com a mesma doença que meu filho teve: a tal da bronquiolite, e eu estou muito preocupado.

- Não se preocupe, e quando ele tiver alta traga ao meu consultório que eu cuido dele.

Noel já estava mais tranquilo, depois de conversarem mais um pouco. Já iam se despedindo,



quando aquele lado detetive do Dr. Bartô não aguentou e perguntou:

- Uma última pergunta: Como você me encontrou depois de tantos anos?

- É que eu vi um programa na televisão onde um médico explicava como o cigarro faz mal para a saúde, principalmente das crianças que ficam perto de quem fuma, pois eles se tornam fumantes passivos.



Eu ia ouvindo a explicação e reconhecendo aquela voz, aquele jeito, e percebi que o médico só poderia ser o meu bom amigo Dr. Bartô! Fui ao computador e consegui achar seu telefone.

Alguns dias depois deste telefonema, a secretária do consultório, recebe outra ligação, mas agora não era do Noel, mas sim da sua esposa, ou melhor, da esposa do Natal, dizendo que ele tinha tido um grande derrame e estava internado.

Antes do Dr. Bartô conseguir visitá-lo, um segundo telefonema comunicou a sua morte. Sua esposa comentou que uma de suas últimas palavras era que ele queria visitar aquele médico que se tornou seu amigo no momento mais difícil da sua vida, e que o ajudou a ter esperança e continuar lutando.



A sua vida que estava na época tão escura e triste, com aquele apoio tinha se tornado iluminada e alegre como um lindo dia de Natal.

Se pararmos um pouquinho de olhar para nós mesmos e pensarmos nas outras pessoas, com certeza encontraremos muitas oportunidades de sermos como um Papai Noel que leva alegria e luz para as pessoas. E o mais legal, é que quando iluminamos a vida de alguém, essa luz se transborda e ilumina a nossa também nos fazendo mais felizes.

Noel, descanse em paz!



Aos pais...

Ensinar aos filhos que uma atitude ou uma mão estendida pode marcar a vida de uma pessoa faz parte das atividades sociais que descrevemos como sendo um dos pilares da educação para se evitar desvios na adolescência. O exemplo e a satisfação com as obras sociais tem permeado minha vida e da minha família. Aprendi com meus pais e passei para meus filhos. Cada um escolhe seu caminho, mas nós podemos apontar os melhores caminhos.

Cinco itens para que seus filhos escolham bons caminhos:

Espiritualidade,
Família unida e com limites,
Atividades culturais,
Atividades sociais,
Bons amigos.



Problemas com:
Álcool, Tabaco e Maconha?
Ligue Dr. Bartô:
(11) 3024-7490
www.drbarto.com.br